

Entrevista a...
Onésimo Teotónio de Almeida



por **Fátima Vieira**

Citação: "Onésimo Teotónio de Almeida: uma entrevista sobre o utopismo português no rescaldo de uma palestra sobre o conceito de identidade", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 1 (2004). ISSN 1645-958X <<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm>>

O palestrante compareceu à hora marcada. Onésimo Teotónio de Almeida é português mas vive já há trinta e dois anos nos Estados Unidos da América, leccionando na Universidade de Brown. O *quarto de hora académico* não faz parte da sua rotina, informada pelo rigor americano da pontualidade e da organização das conferências em função da sua utilidade para o público que o ouve. Foi essa aliás a sua primeira preocupação: perceber para quem falava (neste caso, essencialmente alunos do Curso de *Diploma de Ensino de Português como Língua Estrangeira*) e proceder à sua apresentação identitária (totalmente adequada à conferência que vinha proferir, com o título "A questão da identidade: uma reflexão filosófica centrada no confronto com a Cultura Americana"): um açoriano que estudou no Continente e fez o seu doutoramento em Filosofia nos Estados Unidos e que foi co-responsável pela criação de um Centro de Estudos Portugueses na Universidade de Brown, que depois se viria a tornar no primeiro Departamento de Estudos Portugueses nos Estados Unidos (autónimo em relação ao tradicional Departamento de Estudos Hispânicos).

A questão da identidade tem sido central na sua vida – *Ando há trinta e dois anos a traduzir Portugal para a América e vice-versa* – e o seu discurso flui vívido e interessante, suportado pela reflexão filosófica sólida que ressalta da apresentação formal da sua palestra. Traz um texto escrito, que lê mais pausadamente – e explica, *tenho mesmo de o fazer*, e percebemos porquê, apenas a página escrita disciplina a velocidade do seu discurso e garante que a sua reflexão filosófica se não transforme numa parábola sobre o tema da identidade. Mesmo assim, não resistiu, aqui e além, a sublinhar ideias mais complexas com uma história, e a reacção do seu público confirmou que a estratégia resulta, a mensagem passou claramente: a identidade individual é uma colecção de momentos, aqueles que nos tocam, momentos a que ficámos emotivamente ligados, que se encadeiam no fluxo do nosso dia-a-dia. Por isso a ideia de fluxo é crucial para o entendimento do conceito de identidade sugerido no poema de Jorge Luís Borges: "O tempo é a substância de que sou feito, o tempo é o rio que me transporta; mas eu sou o rio" e que foi retomado num recente ensaio de Oliver Sacks de que Onésimo Almeida citou passagens. Sacks diz consistirmos inteiramente de "uma colecção de momentos" (ecoando aqui Hume, Proust e William James), muito embora convergindo uns para os outros, como no rio de Borges.

No final da leitura do texto, o rigor americano assomou de novo na tentativa de análise do efeito da palestra sobre o público – *Fui claro? Consegui passar a mensagem?*, e na forma como organizou a resposta às perguntas que lhe foram colocadas – *Esclareci o que queria?* –, sempre com o apoio de uma história interessante para ilustrar a sua reflexão, o rigor conceptual presidindo-lhe, os instrumentos teóricos tornados claros pela exposição de "casos práticos".

A entrevista que agora se publica teve início logo a seguir a uma breve pausa, no rescaldo ainda da conferência, e prolongou-se via e-mail, na semana seguinte. Não é assim uma entrevista no sentido formal do termo, na medida em que não se regista aqui o momento

da conversa que teve lugar imediatamente após a conferência. As questões foram colocadas por escrito, Onésimo Almeida seleccionou-as e respondeu também por escrito. Para o primeiro número de *E-topia*, a questão central não podia deixar de ser a do utopismo português; e Onésimo Almeida, o contador de histórias, contou-nos da origem e da importância dos nossos sonhos.

A tentativa de definição da “Identidade Colectiva Portuguesa” terá obrigatoriamente de passar pela consideração da vertente mítico-profética da nossa literatura?

Antes de começar a responder, gostaria de fazer um comentário: não sei por que razão me convidava para uma entrevista sobre um tema como a utopia, pois nunca me ocupei dele nos meus ensaios. No final da década de 70 fiz uma tese de doutoramento em Filosofia, na Brown University, sobre a questão da ideologia. O enfoque da minha tese foi de facto o conceito de ideologia e dediquei mesmo um capítulo a Karl Mannheim, autor do clássico *Ideologia e Utopia*. Mas não toquei na utopia. (Publiquei-o como artigo. Para os interessados, aí fica a referência "Mannheim's dual conception of ideology: a critical look", *Ideologies & Literature*, 4, 2nd cycle, 1983, pp. 220-237). Mannheim dividiu o conceito de ideologia em dois: o ideológico, conservador; o utópico, revolucionário. De então para cá, "ideologia" passou a significar mais ou menos a defesa do *status quo*. A esquerda passou por sua vez a classificar o pensamento de direita como "ideológico" e a direita a apodar de "utópico" o marxismo e seus derivados. O certo é que essas coordenadas são ainda hoje válidas e poderei formular dentro desse paradigma as questões da cultura portuguesa de que me venho ocupando há trinta anos.

Um outro reparo, agora sobre a questão da identidade colectiva: assim em jeito de preâmbulo, devo dizer que ela própria tem duas vertentes: uma, é a tentativa de captar as linhas de força dominantes numa cultura. É o uso mais corrente, antigamente expresso por "carácter nacional", categoria hoje inaceitável por não resistir a uma análise crítica minimamente rigorosa (embora não querendo isso significar que não seja possível detectar-se linhas de força de uma cultura, sempre com as devidas reservas que as generalizações exigem). A outra dimensão da questão da identidade tem a ver com o futuro, com aquilo que um indivíduo ou um grupo almeja ou pretende conseguir. Neste sentido, a identidade, ou identidades, são os objectivos, os ideais que congregam as vontades, os desejos, os pontos de convergência e identificação, as aspirações de um grupo. Como tendem a situar-se num nível elevado, se não inatingível, poderemos designá-los de utopias.

Posta esta demasiado longa introdução, responderei afirmativamente à pergunta (de que me ia mesmo esquecendo): desde uma corrente forte de pensamento que sempre viu a história de Portugal como tendo um destino, até ao retrato dos portugueses como "povo sonhador" (Jorge Dias) tudo isso são indícios sérios de tendências utópicas a merecerem pesquisa. E a literatura desde cedo tem sido um repositório da nossa mitologia cultural.

Onde está mais precisamente o utopismo português?

O sebastianismo parece-me a mais elaborada formulação do utopismo português. Não vale a pena espriar-me sobre esta questão, já mais do que estudada. É Fernando Pessoa quem agarra o sebastianismo e cria um "sebastianismo racional", segundo ele, uma forma de dar aos portugueses um projecto em que acreditar, de modo a sair-se do pessimismo inoperante e decadente em que o país se encontrava. Pessoa arquitecta esse projecto nacional, aliás mal-interpretado até pelo júri que atribuiu um prémio à sua *Mensagem*. Tenho um livro e vários ensaios desenvolvendo essa minha interpretação, que por sinal ainda não vi refutada. Por isso não vale a pena repetir-me aqui. De novo para os interessados, a referência é: ***Mensagem – uma Tentativa de Reinterpretação*** (Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1987). Os ensaios estão dispersos, alguns deles em actas de congressos pessoais. Um resumo dessa minha leitura está no volume sobre a *Mensagem*, editado por José Augusto Seabra na colecção Archives, da UNESCO.

E Antero de Quental?

Foi utópico até ao fim. Desiludiram-no muitos amigos e correligionários e a saúde não lhe permitiu lutar pelo projecto de modernidade claramente explicitado na sua conferência do Casino ("Causas da Decadência dos Povos Peninsulares"), mas manteve esses ideais até ao fim dos seus dias, muito embora tenha sido assaltado por dúvidas metafísicas de fundo que lhe minaram mesmo a vontade de viver. Bastará ler-se as suas cartas para se verificar que o seu projecto para o mundo ibérico só morreu com ele próprio.

Mais alguns utopistas portugueses?

Não falei de Vieira pois todos conhecemos o seu caso e ele fica abrangido no grupo dos sebastianistas. Teixeira de Pascoais e os do seu grupo da Nova Renascença, porém, conceberam uma utopia simplesmente modelada no figurino do passado. Mas era uma utopia em todo o sentido do termo, até porque inventaram um passado que nunca existiu. Imaginaram um homem português quase sobrenatural e projectaram reproduzi-lo no futuro. O salazarismo foi a tentativa de aplicação prática desse projecto. Viu-se no que deu.

Mas há um caso muito curioso, e relativamente desconhecido, alguém que menciono porque tenho trabalhado um pouco na divulgação da sua fase americana: trata-se do Abade Correia da Serra, conhecido em Portugal por ter sido o co-fundador da Academia das Ciências. Ele viveu em Paris, como se sabe, e, após o falhanço da utópica revolução francesa com o advento de Napoleão, interessou-se muito pela América. A experiência americana de construir um mundo novo, pondo em prática os ideais da modernidade, alguns deles idênticos aos da Revolução Francesa, trouxe-o à América a fim de verificar *in loco* como se construía uma sociedade nova. Privou com Thomas Jefferson, James Madison e outros *founding fathers* do novo país, tendo-se tornado entre eles figura muito admirada (chamavam-lhe "o nosso Sócrates"). Esteve aqui de 1812 a 1820. Mas o seu entusiasmo com a experiência utópica não durou. À medida que rodavam os anos e ia conhecendo melhor a sociedade americana nascente, foi-se apercebendo de que ela começava a repetir mais e mais os erros do velho mundo. Desiludido, voltou a Portugal. Ainda assim, lançou-se no projecto da Academia das Ciências, sinal de que o seu optimismo e as suas crenças nos ideais da modernidade não se haviam diluído de todo. (Uma vez mais para os eventualmente interessados, transformei em livro um belíssimo trabalho do historiador americano Richard Beale Davis que, nos anos 50, publicou na revista *Transactions of the American Philosophical Society*, um longo estudo introdutório acompanhando a correspondência do Abade com os Founding Fathers: *The Abbé Corrêa in America, 1812-1820. The Contributions of the Diplomat and Natural Philosopher to the Foundations of Our National Life*. Providence, Rhode Island: Gávea-Brown, 1996).

Depois do grande período de cepticismo que atravessámos nas décadas de 50 e de 60 do século XX, começaram a surgir, a partir dos anos 70, sinais de uma cosmovisão mais optimista.

Bom, o 25 de Abril inaugurou em Portugal a nossa maior utopia colectiva de sempre e uma das grandes utopias da história europeia recente. Durou pouco, mas foi uma colossal utopia. O seu maior defeito foi esquecer que da identidade faz também parte o passado, e dele não nos libertamos facilmente. Com o passar do tempo, a força (ou a *tiranía do passado*, como diz Richard Wolheim) acabou por fazer Portugal aterrar e, nalguns casos, bater mesmo com a testa no chão.

A utopia é ainda importante para o Homem do século XXI?

Absolutamente. Cada vez mais se reconhece que os seres humanos vivem orientados para o futuro. Se não fosse o antecipar do amanhã não faríamos grande parte das coisas que fazemos no nosso dia a dia. As sociedades são sempre movidas por essa força biológica. Não

vale a pena eu repetir banalidades que toda a gente conhece. O que gostava, porém, de fazer, era aproveitar a oportunidade para chamar a atenção de alguns pós-modernistas, sobretudo os que tratam estas questões na literatura e na estética, para o facto de frequentemente confundirem muito conceitos deveras importantes, detentores da sua história e que não terminaram ainda o seu prazo de validade. Não vou poder sequer resumir aqui o que já escrevi para uma conferência na Universidade Nova de Lisboa há alguns anos, ("Modernidade, pós-modernidade e outras nublosidades"), e ainda não publiquei, embora espere fazê-lo brevemente. Todavia, direi simplesmente que o nosso melhoramento ou até a nossa sobrevivência como humanidade, pelo menos do ponto de vista do mundo ocidental, dependerá em muito da salvaguarda dos ideais da modernidade. Hoje, ao contrário do que acontecia no século XIX, sabemos que não são realizáveis em termos absolutos. Nem de perto. São uma verdadeira utopia. No entanto, continuam sendo a nossa única saída. Os ideais da modernidade (e explicito-os: **a democracia** (como equilíbrio entre os princípios da **liberdade** e da **justiça**); **o progresso** (como alteração para melhor do *status quo*); **a ciência** e **a tecnologia** (como armas que poderão ajudar-nos a conhecer o universo – macro e micro – para podermos pô-lo ao nosso serviço) continuam a ser as grandes forças motoras que nos poderão ajudar a sonhar e a trabalhar com algum optimismo por um futuro melhor. Estou consciente de que, ditas assim, estas afirmações soam a passadiças, mas precisaria de muito mais espaço para justificá-las. Não é deixando rolar tudo numa atmosfera relativista que chegaremos a algum lado. Os "relativistas absolutos" (passe o oxímoro) são-no apenas em teoria. Na prática, têm as suas crenças bem fundadas e lutam pelos seus ideais (às vezes sinónimo de "interesses").

Para um povo insular como é o açoriano, a utopia está na ilha ou fora dela?

Nos Açores houve, no início do povoamento, um desejo de regresso ao seio materno. O clássico *Saudades da Terra*, do historiador Gaspar Frutuoso, no século XVI, é disso evidência. Depois, com o diluir-se da importância das ilhas na rota das Índias, porque quase deixámos de lá ir, emigrar passou a ser o sonho. Foi primeiro o Brasil (dos séculos XVII ao início do século XX); depois a América do Norte (que incluiu o Canadá a partir da década de 1950), desde os finais do século XVIII. O sonho americano empolgou gerações até muito recentemente. Não abrangeu a elite insular, que essa sempre pôde ir para o Continente, quedando-se mesmo por aí os que sentiam o aperto da ilha. Mas a camada inferior da pirâmide social não tinha outra hipótese senão buscar na América a concretização das suas aspirações. A Califórnia apareceu como a expressão máxima desse desejo, magnificamente captado no conhecidíssimo (entre os açorianos) poema de Pedro da Silveira, hoje definição clássica da ilha ("Ilha" é mesmo o nome do poema):

Só isto:

*O céu fechado, uma ganhoa
pairando. Mar. E um barco na distância:
olhos de fome a adivinhar-lhe, à proa,
Califórmas perdidas de abundância.*

A sua própria ficção? Por exemplo, a (Sapa)teia Americana?

São contos sobre o que acontece na prossecução do sonho, em grande parte uma autêntica distopia. O título foi decalcado em Vitorino Nemésio, que escrevera um livro de poemas, visceralmente açoriano, numa altura difícil para ele e para os Açores, logo a seguir ao 25 de Abril. Chamava-se *Sapateia Açoriana*. O meu precocemente falecido amigo José Martins Garcia, ensaísta e romancista picoense, escreveu um belo estudo sobre Nemésio em que demonstrava que a Margarida de *Mau Tempo no Canal* andava em demanda de uma inatingível felicidade simbolizada, segundo Garcia, no caso do navegador terceirense Fernão

Dulmo que se largou ao mar na busca da nunca encontrada ilha a norte da Terceira (a famigerada Antília ou Sete Cidades, também conhecida por a ilha da Felicidade). O meu (*Sapa*)*teia Americana* pretendeu acrescentar que, se para a Margarida da burguesia decadente da Horta, essa ilha/felicidade inalcançável ficava a norte dos Açores, para as classes mais pobres açorianas ela situava-se decididamente a Oeste, na décima ilha do arquipélago – a América. (Tenho um livro intitulado *L(USA)lândia – a décima ilha* em que defino a L(USA)lândia como uma porção de Portugal rodeada de América por todos os lados). O que acontece, porém, é que, confrontados com a realidade, os emigrantes acabam achando na América uma teia que os enreda na dureza do quotidiano da luta pela vida, como aponta a canção micaelense da "Sapateia". Não foram os açorianos a acreditar que a Atlântida era nos Açores. Pelo menos a gente simples açoriana nunca acreditou nesse mito. Hoje a Europa deu a muitos dos que ficaram a possibilidade de imaginarem que afinal talvez a Atlântida seja mesmo ali.

É a sua única ficção a tratar o tema da utopia, mesmo que em forma de distopia?

Não. Pelo menos espero que não. Viveu-se nos Açores nos anos 60 uma autêntica utopia. Pelo menos eu vivi-a com um grupo de colegas e amigos. Estávamos longe de tudo, literalmente no meio do mar, e a utopia chegava-nos nos livros franceses, espanhóis, americanos e portugueses (os que escapavam à censura). Chegava-nos também na poesia e na música. Eu estava no Seminário de Angra e participei de uma visão utópica do mundo. Tenho um romance arquitectado em pormenor sobre esse período, que um dia gostaria de escrever. Tenho também uma peça de teatro, essa publicada há mais de uma década (*No Seio Desse Amargo Mar*. Lisboa: Salamandra, 1991) que acaba sendo sobre a utopia. Escrevi-a para ser filmada para a televisão mas, por razões diversas, acabou não o sendo. Passa-se entre uma galeria de figuras açorianas falecidas, quase todas conhecidas nacionalmente (as principais são Nemésio e Antero). A peça é, ao fim e ao cabo, sobre o prolongamento da utopia de Antero após a sua morte.

No meio do pessimismo português destes dias que correm vê algum sinal de utopia?

Apareceu há meses um grafitti em Lisboa na linha dos melhores da revolução dos cravos: *Queremos mentiras novas!*